**Prelúdio da coeducação no Brasil - quando eles e elas se juntaram.**

**1965**

Era um ano que prometia ser rico em novidades.

Havia uma expectativa generalizada por causa do início das emissões de um novo canal de televisão (futura TV Globo);

Falava-se também da inauguração do então segundo maior estádio de futebol do mundo – o Mineirão, o que levava a acesos debates interestaduais comparando-o com o nosso Maracanã – este continuava a ser o maior, mas aquele o mais moderno.

No entanto, aqui por estas bandas, as comemorações do IV Centenário da fundação do Rio de Janeiro monopolizavam a mídia. A reboque dos festejos, marcas famosas publicitavam os seus produtos aludindo a efeméride: o automóvel DKW Belcar *Rio*, máquinas Kodak *Rio 400* e outras menos famosas que não perdiam a oportunidade.

O Escotismo não ficou atrás. Seria realizado em Julho, na Ilha do Fundão, o 1º Jamboree Panamericano (tema de outra crônica), como parte também das muitas homenagens à Cidade Maravilhosa.

**Março**

Início do ano escolar. Também para mim seria um ano especial: após concluir o curso primário e ter feito um bom 1º ginasial, iria iniciar o 2º noutro colégio. Como era misto, sabia que iria contactar diariamente com meninas – uma novidade para mim, já que antes estava numa escola exclusivamente para rapazes.

No 3º/RJ GEMAR N.Srª da Boa Viagem, era o primeiro encontro do ano, dando início a mais um ciclo de intensas aventuras escoteiras. Ainda na formatura inicial, o chefe da Tropa Escoteira avisa-nos que depois das nossas atividades de patrulha, teríamos uma reunião muito importante com todos os escoteiros lá no caramanchão do clube.

Subimos até à sede, abrimos a janela basculante de cor vermelha do nosso canto de patrulha e instalamo-nos como podíamos à volta da pequena mesa.

A Patrulha Mergulhão tinha dois assuntos para tratar: a eleição de um novo monitor

(o anterior passara à Tropa Sênior) e a crítica situação financeira da patrulha.

O primeiro assunto foi pacífico: já tínhamos falado informalmente que o Rico (Ricardo), por ser o mais velho e o mais avançado no progresso (quase 2ª classe), é quem deveria ser o monitor, pelo que foi eleito.

De seguida, o Rico escolheu o Belo (Felisbelo) para ser o submonitor, o que já era expectável.

O segundo assunto é que foi dose: apesar de a quota ser de apenas 200 cruzeiros, o pessoal não era muito cumpridor e as dívidas dos mergulhões acumulavam-se.

O Aroldo, que era o tesoureiro da patrulha, anunciou a lista negra, que eram quase todos (eu devia dois meses do ano anterior). Até havia escoteiros que nunca tinham pago. O Aroldo era o único que tinha as quotas em dia *(noblesse* *oblige).*

**2**

Assumimos as dívidas e demos a nossa palavra de escoteiros que pagaríamos tudo até ao final daquele mês.

Para piorar as coisas, o chefe tinha advertido que se o material de campo da patrulha não estivesse em condições até ao mês de junho, a patrulha não iria ao Jamboree Panamericano, o que para nós estava fora de questão.

Tínhamos, portanto, alguma urgência em comprar um terçado novo, um cabo de machadinha, querosene para os lampiões e dois rolos de sisal. As panelas, embora velhas, ainda estavam utilizáveis, felizmente.

Terminada a reunião de patrulha, tínhamos que descer para ir ao tal encontro geral com o nosso chefe.

O caramanchão era enorme e muito agradável de se estar. Era também o único lugar amplo e com sombra do Iate Clube Brasileiro, onde estava a nossa sede. As quatro patrulhas iam se sentando no chão à medida que chegavam, até se formar um círculo.

Havia alguma expectativa no ar. Em circunstâncias normais, para tratar de algum assunto importante da tropa, o chefe reunia-se primeiro com os monitores e estes, depois, transmitiam-nos o que se passara. Mas desta vez não fora assim, daí a nossa curiosidade.

O chefe, com ar solene e pausadamente, começa:

“Tenho um comunicado a fazer: no próximo mês, vocês vão fazer história no escotismo brasileiro!”

Era um bom começo, sem dúvida, pelo que ficamos mais atentos ainda e o chefe continua:

“Pela primeira vez no Brasil, vai haver um acampamento com escoteiros e bandeirantes juntos!”

???

É difícil descrever o silêncio sepulcral que se seguiu. Num lapso de tempo interminável, ninguém reagiu, ninguém disse nada, apenas continuávamos a olhar, pateticamente, o nosso chefe.

“Então não dizem nada?”

Não podíamos, pelo menos naquele momento, pois nossos cérebros estavam ainda processando aquela notícia.

Foi o monitor da Patrulha Albatroz quem, timidamente, perguntou:

“Juntos … como?”

“Juntos, ué! Todos os escoteiros e bandeirantes do Distrito de Niterói foram convidados a participar desse acampamento, que vai ter o nome de 1º Campo da Amizade!”

**3**

A nossa reação era compreensível: a média etária da Tropa Escoteira não passava dos doze anos, ou seja, a maior parte de nós ainda estava na fase do “Clube do Bolinha”, onde meninas não entram.

Além disso, existia na sociedade de então (e mais enraizada ainda no escotismo) toda uma cultura ancestral de “cuecas para um lado, calcinhas para o outro”. Por conseguinte, aquilo para nós era, por assim dizer, *contra natura.*

Mas o pior ainda estava para vir. O chefe, estrategicamente, deixara para o fim o anúncio final:

“Há mais uma coisa: nesse acampamento, os jogos serão disputados com patrulhas mistas – metade bandeirantes, metade escoteiros!”

???

Novo silêncio. Eu estava atordoado (como todos), mas o que mais me espantava era o chefe dizer aquilo tudo com a maior calma do mundo – como se fosse normalíssimo elas acamparem conosco.

Além disso, todos os conceitos que conhecíamos e que definiam uma patrulha – ser indivisível, autônoma e autossuficiente foram por água abaixo naquele preciso momento. Era como se nos tivessem dito que a partir de agora o futebol se joga com as mãos! Realmente, aquele ano estava sendo especialmente dedicado às novidades!

Claro que a Tropa Sênior reagiu de outra maneira. Estavam reunidos junto à rampa de embarques e quando ouviram a mesma notícia, os seus gritos e aplausos eram audíveis em quase todo o clube. Também pudera, eram adolescentes e tinham as feromonas já ativas, enquanto as nossas estavam, digamos, adormecidas ainda.

Depois de o chefe nos transmitir outros pormenores práticos do *acampamento-seja-o-que-Deus-quiser*, dispersamo-nos e fomos embora.

**Abril**

Já se passara quase um mês desde que nos foi anunciada aquela notícia surreal da atividade com as bandeirantes. Embora já estivéssemos recuperados do choque inicial, a ideia de acamparmos com elas ainda não nos fascinava de todo.

Durante esse tempo, estivemos envolvidos com os preparativos desse acampamento. Aos sábados íamos à sede onde preparávamos as pioneirias pré-montadas em bambu. Estávamos estreando esta técnica que nos foi ensinada pelo irmão mais velho do Rico. A ideia era de aproveitar as mesmas pioneirias para montá-las novamente em julho, no Jamboree.

O conjunto das pioneirias era composto por uma mesa com bancos integrados, estrutura do fogão suspenso e pórtico de entrada que teria uma roleta. Tudo isso era montado na sede, experimentado, corrigido se fosse o caso e, antes da desmontagem, marcava-se peça a peça com um código alfanumérico para sabermos depois como montar de novo.

**4**

Com isso tudo, já nos sentíamos preparados para participar do 1º Campo da Amizade, que se realizaria num grande aterro ao lado do Praia Clube São Francisco, à beira da enseada do mesmo nome.

**Sábado, 17 de Abril**

Por razões familiares, eu dormi na casa da minha avó, no bairro do Ingá. Como o Aroldo morava pertinho, tínhamos combinado irmos juntos para o acampamento. Ele disse que seria um tio que nos levaria lá de carro.

De mochila às costas – daquela que levava a cama saco por fora e enrolada tipo linguiça, cantil na cintura e muita disposição, ia tocar a campainha da casa do Aroldo, mas não foi preciso porque ele estava saindo. Nisso, chega o tio dele que nos ia levar.

Quando vi o carro e segundo os meus padrões da época, fiquei boquiaberto: iríamos num *fabuloso Simca Chambord V8 Tufão*, novinho e no modelo que já tinha quatro marchas, lindo de morrer!

Levaríamos menos de vinte minutos para chegar ao local do acampamento. No início do percurso e para puxar conversa, o Aroldo disse ao tio que pela primeira vez iríamos acampar junto com garotas e o que é que achava disso, ao que ele responde:

“Finalmente o escotismo aqui está progredindo!”

Eu e o Aroldo olhamos um para outro, surpreendidos com a resposta do tio. Ele notou o nosso espanto e concluiu:

“Eu viajo muito e sei que na Europa isso já se faz. Quem teve a iniciativa de organizar esse acampamento no Brasil está bem avançado no tempo.”

Preferimos não comentar e desviamos o assunto.

Tínhamos chegado e o local do acampamento era uma azáfama de jovens. Escoteiros básicos oriundos de vários grupos, com os seus uniformes cáqui que contrastavam com os uniformes azuis da nossa modalidade. Escoteiros, sêniores, pioneiros, chefes e … *elas.*

Os nossos comentários quando as vimos, foram os normais de garotos com 12 anos:

“Olha, em vez de lenço, usam lacinhos, que ridículo!”

“E aquela touca horrorosa que põem na cabeça?”

“Que mania elas têm de darem gritinhos – parecem as chatas das minhas primas!”

Procuramos os outros mergulhões e encontramo-los junto à *Rural Willys* do pai do Rico a descarregar o material da patrulha. Rico reuniu-nos e dividiu as tarefas: ele, eu e o Belo montávamos as pioneirias e o restante montava as barracas.

Como o campo da nossa patrulha foi montado com relativa rapidez (a ideia das pioneirias pré-construídas foi genial), tivemos tempo de ir dar uma volta pelos outros campos dos vários grupos do nosso distrito.

**5**

O Pisquimbira (apelido do César), sempre minucioso, preferiu ficar porque ainda tinha coisas a preparar para o Fogo de Conselho. Oficialmente, ele tinha o cargo de Recreacionista, mas detestava esse nome, pelo que dizia que era o criativo da patrulha. E era mesmo.

Próximos dali, estavam ancorados os três escaleres dos grupos de escoteiros do mar presentes: o Araribóia, o Cauré e, claro, o nosso mui nobre e garboso Uauiará, que fora levado para ali pelo nosso Clã.

Os vários grupos das bandeirantes ficavam no extremo sul do local do acampamento, mas só vimos de longe porque não queríamos intimidades, pelo menos por enquanto.

Voltamos ao nosso campo e quando eram cerca das onze horas, o nosso chefe chega e avisa que dentro de quinze minutos seria a abertura oficial do acampamento, na arena central.

Se fosse possível ver do alto a formatura geral do acampamento, sobressairia à vista a grande quantidade de chapéus marrons de aba larga, dos caxangás e aquelas coisas azuis que as bandeirantes usam na cabeça.

Junto aos mastros das bandeiras – nacional, da UEB e da FBB – estavam a aguardar o sinal para o hasteamento alguns escoteiros *pés-de-poeira, patos-d’água* e bandeirantes (por que ninguém inventou um apelido para elas?).

Após o içar das bandeiras, vários chefes (de escoteiros e bandeirantes) puseram-se à frente dos mastros e começaram os discursos. É a parte dos grandes acampamentos que nós mais detestamos – falam muito, ouvimos pouco, além de sentirmos a incômoda sensação de que estamos ali perdendo tempo precioso.

Quando finalmente acabam os falatórios, cada grupo dá o seu “grito de guerra” e dispersamos. O nosso chefe avisa aos monitores que dentro de meia hora iria passar pelos campos para a inspeção. Mas não era nada que nos preocupasse, pois éramos mesmo bons nisso.

Enquanto esperávamos, vimos que se aproximava uma equipe de bandeirantes. Eram seis e uma delas se destacava por ser alta. Aproximando-se mais, vimos que era mais alta e feia. Mais perto ainda, era altíssima, feíssima e corpulenta.

À entrada do nosso campo, uma delas pergunta se éramos a Patrulha Mergulhão, ao que o Rico responde, hesitante, que sim.

“Podemos entrar?” Sem ouvirem a resposta, entraram.

A que parecia ser a monitora (essa sim, mais bonitinha) fez a saudação *Semper Parata* (que nunca tínhamos ouvido) e passou às apresentações:

Tratava-se da Patrulha Girassol (só mesmo as bandeirantes se lembrariam de pôr nome de flor à uma patrulha).

Ela era a Patrícia e as outras: Ana, Thaís. Cristina, Cátia e … chegara a vez de apresentar a grandalhona. É preciso explicar que antes já a tínhamos observado de cima a baixo: cabelo ruivo, curto e despenteado, óculos *ray-ban,* às costas levava uma pequena mochila de tecido camuflado, corpo de estivadora, de calças, uma enorme faca à cintura com a bainha presa à perna e … botas militares!

**6**

“Aquilo era uma bandeirante?” pensávamos. Qualquer semelhança entre ela e um sargento mal-encarado do exército soviético, não seria coincidência.

Por isso, ficamos embasbacados quando ouvimos que se chamava … Rosabela (!!!)

“Rosa o quê?” perguntei em voz alta, sem querer. É que ela não tinha a mais pálida parecença com o frescor de uma rosa e de bela, convenhamos, nem com muito boa vontade. Ainda por cima, sentia-me desconfortável porque ela não tirava os olhos de cima de mim.

Naquele momento prometi a mim mesmo que doravante, ao referir-me a ela, não usaria o seu nome verdadeiro, mas sim algo mais apropriado que me viesse à cabeça.

A Patrícia explica então que seria a sua patrulha que se juntaria a nós para os jogos da tarde. Elas despedem-se e vão-se embora, cruzando-se com o nosso chefe que chegara para a inspeção ao campo que, como costume, obtivemos um bom resultado.

O chefe confirma que seria a Patrulha Girassol a jogar conosco, que tínhamos que dividir a patrulha em dois e que elas fariam o mesmo. Recomendou muito que não atrasássemos com o almoço porque os jogos começariam sem falta às 15h00.

De seguida, uma surpresa: distribuiu vales para irmos buscar um refrigerante para cada um, oferta de patrocinadores – alegria geral!

Enquanto o Aroldo e o Rico tratavam do almoço, eu e o Belo fomos buscar os refrigerantes. Era uma fila enorme. Chegando a nossa vez, o chefe que estava a distribuir, pergunta: “Mineirinho ou Grapette? Oh, dúvida cruel!, pensei, porque adorava qualquer um deles, mas optamos por levar Mineirinho para todos.

Aquele espaguete com salsichas estava uma delícia. Durante o almoço e após um aceso debate (afinal nunca nos tínhamos separado antes), a divisão da patrulha ficou assim: na Patrulha Mergulhão “A”, chamemos assim, ficavam: eu, o Belo e o Aroldo - o restante na “B”.

Enquanto tirávamos as tampinhas dos refrigerantes com as fivelas dos cintos, Rico propõe um brinde:

“Pela nossa vitória nos jogos e que mesmo separados, o espírito da patrulha se mantenha unido!” (o rapaz estava inspirado). Fizemos o *tintim* da praxe e despejamos aquela delícia pela garganta abaixo.

Estávamos terminando de arrumar as coisas do almoço, quando chegaram as três bandeirantes que se iam juntar à Mergulhão “A”: eram as simpáticas Ana e Thaís, acompanhadas da *Sargento.* Rico e os outros da Mergulhão “B” se despedem e foram se juntar às outras Girassóis.

Os jogos daquela tarde, para nós, eram de desenvolvimento físico e faziam parte dos chamados tradicionais escoteiros. Havia três categorias: cabo-de-guerra (por patrulhas), corrida de três pernas (aos pares) e escalpe (individuais).

Dirigimo-nos à zona da arena central e estava repleta. O chefe Carlos (do GEM Barão do Amazonas), que tinha um vozeirão, explicava como ia decorrer tudo.

**7**

Primeiro seria o torneio de cabo-de-guerra e era eliminatório, ou seja, as patrulhas que perdessem iam saindo da competição.

Esta primeira parte dos jogos foi animadíssima. As patrulhas estavam muito empenhadas na disputa. Tinha-se a sensação de que, pelo menos temporariamente, todos se esqueceram que havia bandeirantes misturadas com escoteiros.

Depois de várias eliminatórias a Mergulhão “A” estava na final. A força da *Mamute* foi fundamental, embora tenha me custado reconhecer isto.

A outra que iria disputar a final conosco era a Patrulha Cão “B” do GE Martim Afonso, junto com as bandeirantes da Patrulha Hortência (!).

Era um momento emocionante. Tomamos posição segurando na corda: Belo à frente, seguido de mim, Aroldo, Thaís, Ana e a *Tal-E-Coisa* atrás, que enrolava a corda nos seus grossos pulsos.

Os que assistiam, manifestavam-se com gritos de entusiasmo. As torcidas eram: os escoteiros básicos (a maioria) torciam pela Patrulha Cão, os grupos de escoteiros do mar torciam por nós e as bandeirantes gritavam, estridentemente, por tudo e por todos, afinal do que elas gostavam mesmo era de gritar!

Ao sinal, cada patrulha começou a puxar esforçadamente para o seu lado. Porém, para uma final, a *performance* da Patrulha Cão B/Hortência ficou aquém do esperado pela sua torcida.

A nossa vitória tinha sido fácil demais e os *Cães & Hortências* não tiveram chance – foram literalmente arrastados pelo chão por vários metros, graças à *Caterpillar.* Euforia geral nas tropas navais e voltamos para o nosso campo, acompanhados pela nossa torcida.

Os outros jogos que se seguiram (aos pares e individuais) seriam disputados em simultâneo e em dois lugares diferentes. Assim, o Rico levou a Mergulhão “B” para os jogos de escalpe e a “A” ficou para a corrida de três pernas.

Esses jogos não seriam eliminatórios: jogava-se uma vez só e ganhava-se pontos consoante a classificação (até ao 3º lugar, pontuava-se). Como éramos seis, fizemos três pares mistos.

Aliás, fizemos não. O Aroldo, aproveitando-se da minha distração, definiu os pares. Claro que ele ficou com a Thaís (a mais bonita), o Belo ficou com a Ana (a mais simpática) e quando dei por mim, tinha ficado com a *Gorila.*

Obviamente, fui protestar ao Aroldo. Tentei com a razão mais lógica: como seria possível fazer aquele jogo com a *Jamanta* se ela era muito mais alta que eu? Mas ele não ligou e disse que estava feito e pronto.

Os argentinos têm um ditado: “*La sangre tiene motivos que hacen hinchar las venas”* , muito apropriado para se aplicar ao que eu sentia naquele momento - estava mesmo furioso! Resolvi então, simplesmente, fazer birra e não participar daquele jogo e anunciei-o à patrulha.

**8**

Foi então que a *Antropomorfo* me chamou e disse que queria falar comigo, mas fora do recinto da patrulha. Fui de má vontade. Sabia que ela iria tentar fazer-me mudar de ideia, mas seria inútil, pois eu estava irredutível.

A uns trinta metros do nosso campo, ela pôs-se à minha frente, tirou os óculos escuros e meteu-os no bolso, pôs aquelas manzorras nos meus ombros, apertando-os e aproximou aquela cara horripilante da minha.

De perto, pude ver melhor que tinha os olhos esbugalhados, o nariz mais abatatado ainda e faltava-lhe um dente naquela boca de onde exalava um hálito nauseabundo e até embaçou os meus óculos.E com uma voz fingidamente delicada, perguntou:

“Por que você não quer jogar comigo?”

Eu até poderia dar uma série de motivos, mas preferi responder secamente:

“Não quero e pronto!”

Tendo respondido, tentei ir embora mas ela impediu-me, apertando ainda mais os meus ombros e disse, num tom grave e sinistramente ameaçador:

“Ou joga comigo ou te dou um beijo na boca e bem demorado, aqui mesmo!”

!!!!

Durante uns segundos, tremi, suei frio e devo ter ficado pálido. Afinal, nunca ninguém me tinha ensinado como deveria agir numa situação aflitiva daquela.

Mediante aquela terrível ameaça, tive que dizer que sim, jogaria com ela. Mas nunca contei à minha patrulha o que tinha acontecido. Deus me livre!

**Naquela mesma tarde**

Na zona onde decorreria o jogo, estavam todas as duplas a preparar-se – dobrei várias vezes o meião para a corda não machucar o tornozelo e comecei a amarrar a minha perna direita à perna esquerda da *Primata,* que não precisava de proteção porque usava botas.

O percurso da corrida era cerca de 100m (ida e volta) e jogavam seis duplas em simultâneo.

Quando chegou a nossa vez, colocamo-nos na linha de partida. O meu instinto dizia-me que aquilo não iria correr bem. A *Assombração* olha para mim e diz: - “Ânimo! Vamos ganhar isto, você vai ver!”, mas não lhe dei atenção, afinal eu estava ali coercitivamente.

Ao sinal, começa a corrida. Ao quarto ou quinto passo, caímos (como eu previra) e ela muda de tática: mete o braço por baixo do meu ombro esquerdo, levanta-me, e como o meu pé que estava livre deixa de tocar no chão, pode-se dizer que corria sozinha, carregando-me.

Apesar de aguentar o meu peso (o que para ela não devia ser nada), a *Maléfica* ia mais depressa, ultrapassando uma dupla atrás de outra.

**9**

A meio da corrida, aquela minha posição incômoda e o movimento contínuo das passadas, fazia com que eu sentisse fortes dores no tornozelo amarrado.

Mas o odor fétido que emanava do sovaco suado daquela *Paquiderme* era tão, mas tão forte, que passou a ter um efeito analgésico-dopante, pelo que aguentei a corrida até ao fim e acabamos por ganhar.

Alguns monitores ainda tentaram convencer o chefe que estava de fiscal no jogo para invalidar a nossa vitória. No entanto, ele disse que como correr daquela maneira era muito mais difícil que o “normal”, validou o resultado e atribui-nos os pontos.

Ao ouvir o veredito do chefe, *La-Cosa-Bruta* ficou histérica e começou a dar grandes saltos e a gritar “ganhamos, ganhamos!” Eu também gritava, mas por outro motivo: é que ainda tinha a minha perna presa à dela e com os saltos que dava, quase me partia o perónio.

O Belo e o Aroldo, com as suas respectivas parceiras, tinham conseguido um 2º e 4º lugares respectivamente e vieram nos dar os parabéns.

Enquanto o Belo me ajudava a desamarrar a minha maltratada perna, disse: “Viu como valeu a pena você jogar?” e olhando para a *Carranca*: “Obrigado por tê-lo convencido!”. Juro que naquele momento me deu vontade de gritar todos os palavrões que conhecia, mas contive-me.

Já estavam terminados os jogos e começava a escurecer. As três bandeirantes despediram-se e nós voltamos ao nosso campo. Passado um momento, chegam os outros mergulhões. Não tinham tido muita sorte nos jogos, mas ficaram contentes ao saber dos nossos resultados.

Tínhamos que preparar a janta e ensaiar as nossas apresentações no Fogo de Conselho. Os dois do costume foram cozinhar e o Rico tratou-me do tornozelo que estava muito esfolado. Os criativos da patrulha insistiram para comermos rapidamente por causa dos ensaios.

**À noite**

A enorme fogueira estava acesa e ajudava a amenizar a baixa temperatura que anormalmente fazia naquela noite. Os que dirigiam o FC resolveram não fazer só um círculo mas sim duas rodas concêntricas.

Também acomodaram o pessoal de forma a que patrulhas (deles e delas) de um mesmo grupo não ficassem juntas. As minhas orações foram ouvidas e a patrulha da *Zumbi* ficou longe de nós.

Foi um dos FC mais participados e alegres que já tinha visto até então. Os excelentes animadores que estiveram a conduzir aqueles momentos tiveram um papel importante nisso.

Canções tradicionais como o *Stodola, Quebra Côco, Árvore da Montanha, La Polenta, Guiganguli* e muitas outras que não conhecíamos do repertório das bandeirantes,

contagiavam a todos.

**10**

Intercalando com as canções, os *sketches* também foram momentos hilariantes, uns mais, outros menos. Quando eram originais e bem ensaiados, tinham a aprovação de todos quando entoavam o *Bravo, Bravíssimo* ou vários outros tipos de aplausos.

Mas quando a coisa não corria tão bem, já se sabia o que vinha: bordões melódicos do tipo “Melhoral, Melhoral, é melhor e não faz mal!”*,* ou “Para a diarreia? Enterovioformiô!”

A nossa patrulha tinha preparado duas peças e foram dois brilharetes. O Pisquimbira, ajudado pelo Belo, era mesmo bom nisso. Ele era o diretor de cena, maquilhador, contrarregra, enfim, fazia de tudo por essa área tão importante e por vezes não valorizada: o desenvolvimento da criatividade.

O FC estava acabando e já era tarde da noite. Depois de uma canção mais calma, fomos nos retirando, cada um para o seu campo.

Eu desviei-me porque estava aflito para ir ao WC. “Oh, não!” disse, ao ver uma fila enorme. Não podia esperar e dei a volta para fazer xixi no mato.

De onde estava, conseguia ouvir vozes que vinham de trás dos depósitos de lixo. Só conseguia entender algumas palavras soltas, sem conexão.

Fiquei curioso e com cuidado para não ser visto, aproximei-me mais. Eram do meu grupo, três sêniores e o Dentinho (Carlos, da Patrulha Tubarão). Estavam planejando um “assalto” às barracas das bandeirantes.

Estranhei de ver o Dentinho ali, afinal era júnior e brincadeiras dessas eram coisas típicas dos mais velhos. Mas vendo melhor, reparei que um dos sêniores era um dos seus irmãos e deduzi que ele tinha sido convidado.

Saí devagarinho e resolvi não dizer nada a ninguém. Depois de ir ver a hora da minha ronda no mapa, fui dormir. Tinha sido um dia cansativo.

**Domingo de manhã**

Acordamos com um barulho misto de vozes altas e correria. Ainda na barraca, metemos a cabeça para fora e vimos muitos escoteiros correndo para a zona dos mastros.

Rico, meio ensonado, pergunta se já tinha tocado a alvorada. De repente, entra o Belo no nosso campo e diz aos gritos para irmos à arena central e já! Disse-o com tanta convicção que fomos como estávamos, de calções e descalços.

Ao chegarmos lá, vimos que todos olhavam para o mastro central, onde estavam hasteadas várias calcinhas e sutiãs. Observei melhor e vi um sutiã que se destacava dos outros – era enorme! Pareciam duas velas bujarronas enfunadas com vento de popa.

Deduzi logo que era da *Grotesca* e fiquei radiante. Encontrei o Dentinho ali perto, aproximei-me e disse: “Obrigado, valeu mesmo! Nunca vou esquecer!” Ele, atônito, olhava-me sem entender nada, como provavelmente até hoje.

**11**

Vários chefes aparecem e dão ordem para todos voltarem aos seus campos, enquanto um deles arria as peças íntimas do mastro. Surpreendentemente, a chefia de campo abafou o assunto e não se falou mais nisso.

O resto da manhã foi passado com visitas aos campos, registros de mensagens nos livrinhos do acampamento, trocas de lenços e outras peças do uniforme, deles e delas.

Ao meio dia, houve a entrega de prêmios (o nosso grupo obteve um honroso 2º lugar na pontuação geral), seguiram-se os sempre intermináveis discursos dos chefes e convidados, arriamento das bandeiras, gritos “de guerra” dos grupos e dispersamos.

Em cerca de uma hora, o campo já estava praticamente desmontado. Chega a *Rural* do pai do Rico e carregámos o material da patrulha.

Estava ansioso para ir novamente com o tio do Aroldo no *fabuloso Simca Chambord V8 Tufão,* mas quem chega para buscar-nos é a irmã mais velha, num *Fusca* caindo de podre.

Apesar dos meus contratempos com aquela *Pseudo Bandeirante,* este acampamento não foi mau como eu e os meus companheiros supúnhamos.

Aliás, até participamos em vários do mesmo estilo que se realizaram nos anos seguintes, pois virou tradição no Distrito Escoteiro de Niterói.

A irmã do Aroldo buzina e aperto o passo, mesmo mancando. A carona levou-me até à minha casa, no bairro Vital Brasil.

Só quando entrei no meu quarto é que me lembrei que tinha de acabar um trabalho de Geografia para ser entregue na escola no dia seguinte.

Quanto a Rosabela … nunca mais a vi. Graças a Deus!

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_